

RELATO DA PETIANA EGRESSA

Amiris de Paula Serdeira



Egressa do PET-Economia/UFES. Atua com gestão de projetos, monitoramento e avaliação de impacto de projetos sociais, nas áreas de educação pública e políticas públicas. Graduada em Ciências Econômicas pela UFES e especialista em Gestão Pública (Insper).

“Para entender a minha entrada no PET, primeiro vocês precisam entender de onde eu vim.” - eu li essa frase no relato de uma petiana, em uma edição anterior, e achei muito impactante. Afinal, é possível dar um recorte de nós sem contar nossas raízes? Acredito que somos uma soma de vivências que desemboca em como vemos e nos relacionamos com o mundo hoje - e o PET Economia da Ufes foi parte importantíssima desse processo para mim.

Sou filha de mãe solo, professora de educação básica, majoritariamente de fundamental 1, de escola pública. Cresci passando a maior parte

da minha infância em escolas, seja a que eu estudava, ou as que minha mãe dava aula. A educação tinha suas contradições intrínsecas na minha vida: era direito, mas também era dever (tive bolsas integrais ou parciais em escolas particulares durante todo meu ensino fundamental e médio, de modo que estudar era necessário); era o ganha-pão, mas não sem escutar cotidianamente sobre a precariedade da situação do professor na educação pública e os desafios de manutenção de um ensino público de qualidade.

Mesmo considerando a ambivalência da educação na minha vida, a ideia de obter conhecimento em toda oportunidade possível e além dos limites geográficos da pequena cidade em que cresci era fascinante para mim. Quando passei no curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a potência e as possibilidades de aprendizado sem limites me animavam - e a ideia de ser um fio condutor desse conhecimento para as pessoas no futuro se consolidava para mim como um caminho possível.

A ambivalência se manteve: aprender era prioridade, mas se manter financeiramente também. Lembro de, na primeira semana de aula, na apresentação do grupo para a turma de calouros, eu ficar muito deslumbrada com o PET - seja pelas pessoas, seja pelo potencial do

que o grupo fazia. Como o processo seletivo não vinha, para não “ficar parada”, comecei a fazer parte da empresa júnior. Felizmente, alguns dias após minha efetivação como *trainee* na empresa júnior, saiu o tão esperado processo seletivo e eu fui aprovada.

Em uma sociedade em que educação é um direito que não podemos tomar como garantido, participar do PET me garantiu o privilégio de dedicar alguns anos a aprofundar os estudos nas disciplinas básicas do curso e ampliar meu desenvolvimento integral. Me proporcionou desenvolver e refinar pensamento científico, escrever e aprovar trabalhos em seminários regionais (aliás, participar de qualquer congresso relacionado com o curso ou com o PET que a universidade fornecesse ônibus), participar de grupos de estudo internos (como de pensamento keynesiano, teoria econômica, história do pensamento econômico), e grupos do Departamento (como o Grupo de Conjuntura Econômica) - inclusive ali (e nas provas do Saade) foram as primeiras experiências de análises econômicas de conjuntura.

É difícil que alunos tenham vivências de pesquisa, ensino ou extensão na universidade. Mas o PET tinha isso tudo como premissa. E provocava curiosidade, que a gente fale e exponha nossa visão, que se posicione, que aprenda a ouvir, que participe e ocupe espaços, que participe ativamente da comunidade que atuamos. Isso se traduziu para mim em participação na vida acadêmica em todas as suas possibilidades: me envolvi com o Centro Acadêmico, onde fui diretora de várias cadeiras

e vice-presidente, organizei desde Congresso de Economia como representante discente pelo Departamento até calouradas como diretora de assuntos acadêmicos pelo C.A., comecei a ter dimensão do que é movimento social (e entender o que é política pública, na verdade), pude apresentar o curso “Do Economês para o Português” não só para a comunidade acadêmica, mas desde assentamentos do MST até escolas públicas do ciclo básico, pude criar uma chapa e disputar cadeiras no DCE. Isso deu uma experiência tão completa de pesquisa, ensino, extensão, movimento estudantil e movimento político universitário, disputas de poder desde chapas de C.A. até eleições de Departamento, movimento social, academia, que até hoje acho muito incrível ter tido experiências tão múltiplas.

E o PET não era “só” tudo isso. Anualmente, tínhamos clubes do livro, onde dissecamos algum(a) autor(a) aclamado(a) da literatura. No meu último ano, fizemos esse clube mas com um estilo musical. E quando eu achava que era suficiente ler alguém, vinham meus colegas e me mostravam a importância de contexto, de compreensão histórica do que se passava no mundo e naquela sociedade enquanto alguém publicava. Curioso, porque no início eu achava que era mania de acadêmico e hoje eu percebo que isso criou as bases para um pensamento crítico e olhar amplo sobre problemas.

Olhando em retrospectiva, eu lembro com muito carinho dessa época: do cuidado dos petianos mais velhos em conversar conosco (e minha tentativa de fazer esse papel, quando eu me tornei ‘a mais velha’), dos almoços no RU e

cafés na cantina do CCJE, da correria para impressão de cartaz pré-congressos e como transportar um cartaz enorme sem amassar em viagens longuíssimas de ônibus, da criação de rotina e normalização da convivência com os professores (e a humanização do professores nesse processo), dos encontros literários, do orgulho de organizar um evento de economia pela primeira vez. Participar do PET já era ter dedicação exclusiva, não só ao programa, mas ao meu desenvolvimento integral.

Curiosamente, a partir da vivência do PET, eu comecei a ter uma visão muito mais ampla do que é a academia e para que serve; de que vale tanto quanto o conhecimento que gera, as pessoas que impacta e o impacto social que gera. Eu só fui entender muitos anos depois a profundidade que essas experiências tiveram em mim. Não só isso, mas foi um empurrão para impactar minhas aspirações profissionais. Se hoje eu trabalho com impacto social, política pública e, mais especificamente, com educação pública, certamente há uma influência dessa experiência como petiana.